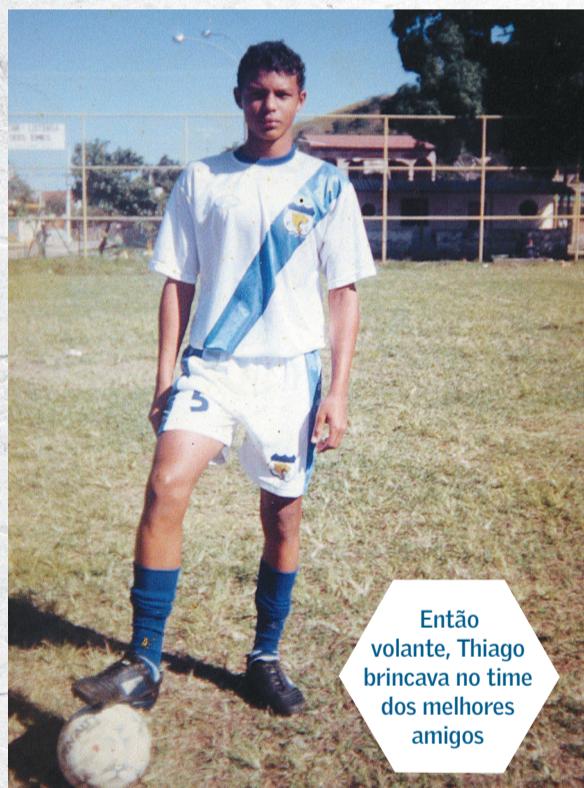


Líder nos campinhos



Dequinho fez Thiago liderar o Nacional de Urucânia



Então volante, Thiago brincava no time dos melhores amigos

REPRODUÇÕES



“
Quando a gente estava no vestiário fazendo aquela corrente de oração para entrar em campo, o Thiago chegou. Tomou a palavra, pediu desculpa ao time todo e me disse que iria ser campeão. Fomos campeões e ele foi o artilheiro do campeonato, conta Dequinho



Amigo Alexandre ainda recebe visita do capitão no sofá da casa

Enquanto aguardava os trâmites da viagem para o Rio Grande do Sul, no final de 2001, Thiago, com 17 anos recém-completados, jogou uma final para o time amador dos amigos do conjunto Urucânia, o Nacional. Era a única equipe de várzea que ele e Miro abriam concessão. Existia um receio grande de se machucar em peladas e interromper o projeto de atleta, preocupação que os demais meninos da rua não tinham.

Até ganhou o apelido de Rato, porque ficava entocado em casa enquanto os outros jogavam descalços na rua. Mas o Nacional era o time dos amigos, como Fabrício e Igor, além dos irmãos Sandro, Alexandre e Alex, o Cepacol. Este último era técnico junto com Valdeck Lima, o Dequinho, um dos primeiros treinadores de Thiago no Nacional, no tempo em que vivia das idas e vindas da escolinha do Fluminense.

– Thiago começou a jogar comigo com uns 13 anos. Era muito tímido, quieto. Pegava a chuteirinha dele e se sentava lá no cantinho do vestiário. Não gostava de perder, fechava a cara ainda mais. Era tímido só fora de campo. Dentro, cobrava dos companheiros, mandava mesmo, era sempre o capitão – assinala Dequinho.

Certa vez, Thiago não queria jogar, preferiu soltar pipa. Inventou uma desculpa qualquer e Dequinho deu um esporro. Disse que ele não era melhor ou pior do que ninguém, que o Nacional era uma família e que ele estava deixando o time na mão. Dequinho colocou a garota-dá na caçamba do caminhão de um amigo e foi para o jogo, oitava de final de um torneio amador:

– Quando a gente estava no vestiário fazendo aquela corrente de oração para entrar em campo, o Thiago chegou. Tomou a palavra, pediu desculpa ao time todo e me disse que iria ser campeão. Aquela humildade me ganhou, ali eu vi que ele era fogo mesmo. Fomos campeões e ele foi o artilheiro do campeonato.

As participações de Thiago no Nacional foram ficando escassas devido ao envolvimento que ele e Miro já tinham com a futura carreira de atleta. Mas, naquele ano de 2001, Alex e Dequinho convenceram Miro, e Thiago jogou praticamente todos os jogos do Campeonato do Bairro Faria juvenil (sub-17). Era uma das maiores finais da história do Nacional, contra o rival Pontal. Na primeira fase, o Pontal tinha feito 3 a 1 e os jogadores do time chegaram na final com cabelos coloridos em provocação, como se já tivessem a medalha de ouro na cabeça. Os garotos do Nacional estavam tensos e pouco confiantes. Menos um: Thiago.

– Duas horas antes do jogo, ele ficou soltando pipa aqui na rua. Todo mundo nervoso e ele soltando pipa. Ele falava para a gente não se preocupar que não fámos perder de jeito nenhum. O Dequinho espalhou cartazes em cada poste do conjunto Urucânia para promover o jogo. O campo ficou lotado – conta Alexandre.

Para os amigos, Thiago sempre foi muito focado no futebol. Nunca bebeu, nunca fumou, não era de balada. Dormia cedo e acordava cedo. Naquele domingo da final entre Nacional e Pontal, quase ninguém sabia que o destino já estava traçado no Sul do país. Mesmo assim, Thiago deu a vida na decisão, acabou com o jogo, não tirou o pé e fez o primeiro gol da vitória de 2 a 1.

– Lembro que na primeira fase a gente tinha perdido para os caras e eu tinha feito um gol contra. Eles achavam que já eram campeões. O Thiago acabou com a marra deles. Jogava muito desde pequeno. Eu era ele naquela época, o zagueiro camisa 3. Também, eu não tinha muito trabalho. O Thiago era o volante, jogava na minha frente, não passava nada por ele – elogia Alexandre.

Logo depois dessa final, Thiago embarcou para Porto Alegre. Começava ali a fase profissional. Levou junto o grito de campeão do Nacional.

– Nacional, rá, Nacional, rá, Nacional, rá. Sou Nacional e vou jogar até ganhar. Jogador, sim. Futebol, então. Sou Nacional, sou um time campeão – canta Alexandre, emocionado.



DESCOBERTA

FORA DO FLA-FLU

BARÇA TUPINIKIM

NACIONAL DE URUCÂNIA

DENGUE NO RS

JACONERO

TUBERCULOSE RUSSA

CAPITÃO DO MUNDO